



Patrícia Reis

Morder-te o coração

«... uma viagem alucinante
pelos labirintos do desejo e da solidão...»

Inês Pedrosa

«Este (pequeno) livro é precioso (e raro)
e deve ser manuseado com cuidado:
contém emoções.»

José Eduardo Agualusa

Ficha Técnica

Título: Morder-te o Coração

Autor: Patrícia Reis

Design de capa: Atelier Henrique Cayatte
sobre fotografia de © Cláudio Garrudo

Revisão: Luís Filipe Baptista

ISBN: 9789722042536

Publicações Dom Quixote

[Uma chancela do grupo Leya]

Rua Cidade de Córdoba, n.º 2

2610-038 Alfragide - Portugal

Tel. (+351) 21 427 22 00

Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2007, Patrícia Reis

© 2007, Publicações Dom Quixote

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

www.dquixote.leya.com

www.leya.pt

Para quem tem o meu coração

A felicidade não está no que acontece mas no que acontece em nós desse acontecer. A felicidade tem que ver com o que nos falta ou não na vida que nos calhou. Devo dizer-te que me não falta nada, quase nada.

Vergílio Ferreira, *Em Nome da Terra*

Antes do princípio das coisas

Ele

Tu já não te lembras. Foi há dez anos, neste mesmo quarto, a olhar o Pico, os barcos, o azul-cinza do mar calmo, a cama por fazer, os livros e as revistas espalhados, tu à janela, a olhar lá para fora e depois, sem pressa, num gesto pausado, a camisa de alças a fugir do teu ombro, uma alça apenas, fininha, o teu sorriso a crescer e a frase

Anda, anda morder-me o coração.

Tinhas, naqueles dias, a tranquilidade. Como se estivesses bêbeda de paz, o teu corpo andava pelas ruelas a dançar numas sandálias de corda e pano, azul-celestes. Comias gelados com cuidado para não sujares as mãos e ouvias-me falar, os teus olhos prisioneiros nos óculos escuros, enormes, de massa preta, anos 50. Eu falava depressa, de tudo, contava-te a minha infância, os dias negros no liceu de padres, a tarde em que rasguei a garganta com o fumo de um cigarro enrolado à pressa no quarto do meu primo Francisco. Descrevi-te em pormenor as sardas da minha primeira paixão, a curva acentuada do ventre, como se estivesse grávida, grávida de doces, pipocas e rebuçados de papel brilhante, vermelho

Bolas de neve.

Disseste que os rebuçados eram bolas de neve e esse reconhecimento comoveu-me, como se fizesses mesmo parte do meu mundo, como se dominasses uma linguagem interdita aos outros, tão natural para nós.

Sentada na esplanada da ilha, com os pés enrolados debaixo das pernas bronzeadas, a ponta do vestido a espreitar a tua coxa, distraída, brincavas com os dedos enquanto eu prosseguia na minha história e, depois de me ter despejado para cima de ti, todas as minhas verdades, todas as minhas mentiras, olhaste com aquele sorriso pequenino. Declaraste-me oficialmente o homem do teu Verão. E cumpriste a tua palavra. Ficámos os dois a ver os barcos e a comer devagar refeições de pão e queijo, peixe e mariscos. Quando falavas e tu raramente falavas-, era sobre a tua casa, a planície e o rio. Tinhas inveja da ilha por ter mar, por ter liberdade, mas contavas histórias sobre as barcas nos rios e foi contigo que aprendi que quem navega não sabe conversar porque o rio tece mistérios vedados às palavras. Contaste-me que em Veneza os gondoleiros têm barbatanas nos pés para poderem andar em cima de água. Riste-te, lançaste a cabeça para trás e os teus óculos caíram na calçada, um barulho de plástico a revirar nas pedras. Foi então que descobri o rio nos teus olhos e comecei a amar-te. Todos os anos venho aqui. Fico no mesmo quarto e vejo-te, de manhã, encostada à brisa que te levantava os cabelos, a dizer

Anda, anda morder-me o coração.

Ela

A questão não é saber se o amor nos aconteceu. Isso é tão relativo que o silêncio é melhor. Percebe-se melhor. Naqueles dias eu achava que não éramos nada, tu e eu. Podíamos dormir juntos. Podia sentir o teu suor sobre o meu peito, os teus ruídos na casa de banho, a forma como mastigavas a pastilha elástica, elegante, por vezes entreabrindo a boca num sopro que se aproximava de um suspiro. Podíamos rir e chorar, contar as desventuras da adolescência, as maldades paternas, tudo. Podíamos sem consequências, porque nada do que te disse era verdade e, por isso, me poupava nas palavras, para não te castigar com tantas mentiras. Tudo o que passámos, naqueles dias, não era definitivo, não tinha coordenadas futuras, seria, por fim, o crescendo que iria morrer de repente. Olhava-te no sono e pensava que sabia exactamente a data em que o amor se iria desfazer. A ilha estava congelada no nosso abraço. Nos teus pensamentos era tudo o que fazia sentido. Eu tinha um prazo. Uma vida à minha espera, um regresso feito de poucas memórias. Ficarias em terra, náufrago de mim, sem perceber os destroços de nós. Sabia exactamente o vermelho de sangue que te iria escorrer da alma, como uma tinta, como um salpico de dor demasiado forte para o teu corpo magro.

Não tenho coração, pensava nas noites em que ficávamos a olhar o reflexo da lua no Atlântico.

Tu contavas a história do duende prateado que tem de acender as luzes todas do mar da tranquilidade. Ele que prometeu ao Sol que pode dormir sossegado. Haverá sempre uma luz para espantar as coisas más.

Quando me fui embora, não deixei morada.

Hoje, quero que saibas que não te disse nada e quando te pedi para me morderes o coração era só para me certificar de que ele existia no meu peito. Tu preferiste beijar-me, nunca me mordeste e, assim, fiquei sem saber.

Ele

Debaixo de água, na piscina de pastilha azul com bancos aparafusados ao chão que não é lambido pelo sol, ali no ruído estranho do corpo que se afunda na água, sorri pela primeira vez depois de me teres tirado o sopro de vida que me restava. Sorri, sem me aperceber, respirei criando bolhas de ar, e uma sensação estranha, um sabor a cloro desfez-se contra a minha língua. Sorri porque vi o teu nome no chão da piscina. Alguém tinha escrito o teu nome nas pastilhas toscas do tempo. Lia-se

amor

em minúsculas e pensei em ti, outra vez, achei ridículo e sorri, envergonhado da minha condição inútil e parva, de me ver desperdiçar o tempo na memória de um corpo, de um quarto, de um Verão.

Decidi naquela altura que o teu nome passaria a ser amor. O teu nome verdadeiro não cabe na estranheza da nossa história e depois de teres sumido, de teres saído do nosso quarto com vista para a marina, não encontrei ninguém que soubesse de ti. Factos em concreto. Diziam-me

A rapariga das sandálias de pano...

Sim, disse-me que era do Porto.

Estás apaixonado por aquela rapariga? Que engraçado, falei com ela um dia.

Foi quando percebi que, afinal, na tempestade de me contar em tudo a ti, como num confessional, mergulhado na imensa certeza do meu amor, nunca apurei a tua verdade, nunca te interroguei, nunca quis saber.

Quando mergulhei na piscina, estava seco. Seco por dentro de tanto ter chorado a tua partida, a minha estupidez. Restavam apenas os dias que mudaram a minha forma de olhar o mundo e a tua frase, sempre a mesma, sobre o coração.

Na única imagem que tenho tua, a única fotografia, estás de costas e não pareces tu, porque estás toda concentrada nos olhos que procuro nos rostos que passam por mim. Decidi, depois de ter mergulhado, depois de ter sorrido, depois de te ter arranjado um nome que não me lembrasse que não sabia nada de ti, que partiria.

Iria procurar-te pelo mundo.

Podias estar em qualquer lado.

Em qualquer mundo.